

Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa

Interventions to promote positive parenting practices: An integrative review

Beatriz Schmidt, Ana Cristina Pontello Staudt, Adriana Wagner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Ramiro Barcelos, 2600, 90035-003, Porto Alegre, RS, Brasil. psi.beatriz@gmail.com, anacontello@hotmail.com, adrianawagner.ufrgs@hotmail.com

Resumo. O objetivo deste estudo foi conhecer e analisar as intervenções voltadas a promover práticas parentais positivas junto a pais de crianças, em situações de desenvolvimento normativo. Para tanto, realizou-se uma revisão integrativa, mediante buscas nas bases PsycINFO, SciELO e PePSIC, considerando descritores preestabelecidos – práticas parentais positivas, intervenção, treinamento – e publicações entre os anos de 2005 e 2015. A partir dos critérios estabelecidos, encontrou-se 12 artigos. Constatou-se que as intervenções enfatizaram principalmente a promoção de práticas parentais positivas em famílias de *status* socioeconômico baixo, com predomínio da mãe como participante. As modalidades desenvolvidas foram: grupos com pais, visitas domiciliares e atendimento exclusivo à família em serviço de saúde. De maneira geral, as intervenções apresentaram resultados satisfatórios em relação aos objetivos propostos. Não foram identificados estudos brasileiros sobre a temática. A análise do cenário internacional a respeito das intervenções com foco na parentalidade positiva sugere a falta de investimento na promoção de saúde familiar.

Palavras-chave: práticas parentais positivas, intervenção, treinamento, relações pais-criança, relações familiares.

Abstract. The aim of this research was to study and analyze interventions meant to promote positive parenting practices, emphasizing parents of children in normative development situations. An integrative review was carried out in PsycINFO, SciELO and PePSIC databases, considering pre-established descriptors – positive parenting practices, intervention, training – for publications from 2005 to 2015. The selected sample consisted of 12 articles. Interventions emphasized mainly promoting positive parenting in low socioeconomic status families, considering especially mothers as participants. The modalities developed were: groups of parents, home visits and exclusive family attendance in health services. In general, interventions showed satisfactory results with respect to the proposed objectives. Brazilian works on the subject were not identified within the investigative databases. The analysis of the international scenario on interventions promoting positive parenting practices suggests a lack of investment in family health promotion.

Keywords: positive parenting practices, intervention, training, parent child relations, family relations.

Introdução

A infância se caracteriza como um período relativamente curto do desenvolvimento humano, mas bastante importante no que diz respeito a desdobramentos ao longo de toda a trajetória de vida (Farber, 2009). Os primeiros anos consistem em uma janela de oportunidades para a promoção da saúde, de modo que o investimento no cuidado e no bem-estar da criança se associa a benefícios em longo prazo (Gulliford *et al.*, 2015). Em tal fase do ciclo de vida, é reconhecida a centralidade do ambiente familiar, pois interações disfuncionais nesse contexto são fatores de risco ao desenvolvimento (Farber, 2009; Reedtz *et al.*, 2011). No que tange à família, diferentes estudos têm enfatizado, notadamente, aspectos da parentalidade e suas reverberações expressas em manifestações comportamentais na infância (Cprek *et al.*, 2015; Holtrop *et al.*, 2015; Stoltz e Deković, 2015).

Mãe e pai, no desempenho de seu papel de agentes de socialização, valem-se de técnicas e de estratégias, as quais são nomeadas práticas parentais (Marin *et al.*, 2013). Práticas que envolvem o engajamento dos pais¹ no processo de cuidado aos filhos², com ênfase na comunicação, nas estratégias construtivas de resolução de conflitos e na expressão de afeto se relacionam a desfechos desenvolvimentais adaptativos, sendo consideradas, portanto, práticas parentais positivas (Gulliford *et al.*, 2015; Reed *et al.*, 2013). Por outro lado, práticas negativas, como castigos corporais e negligência, estão associadas à menor competência social e emocional ao longo da trajetória desenvolvimental (Asscher *et al.*, 2008; Coelho e Murta, 2007).

A escolha das práticas parentais se associa, dentre outros fatores, às características individuais da criança, bem como às crenças e aos valores parentais (Marin *et al.*, 2011). Ademais, as próprias interações conjugais ou coparentais estabelecidas pela mãe e pelo pai tendem a influenciar as suas práticas parentais (Romero, 2015), do mesmo modo que a experiência de cuidado que ambos vivenciaram enquanto filhos (Marin *et al.*, 2011). Nesse sentido, a literatura sobre a temática tem destacado a transmissão intergeracional de

práticas parentais: historicamente, mãe e pai aprendem a cuidar dos filhos considerando como modelo, sobretudo, os métodos adotados pelos seus próprios genitores ou cuidadores (Marin *et al.*, 2013; Sommers-Flanagan, 2007; Wagner *et al.*, 2005). Entretanto, ao longo do tempo, padrões educativos estabelecidos têm sido rompidos, face à diversidade de estruturas e de configurações familiares emergentes, de forma a tornar necessários novos padrões educativos de referência que correspondam mais efetivamente às demandas atuais (Wagner *et al.*, 2005).

De tal maneira, apesar de estudadas sistematicamente desde o início do século XX, as práticas parentais ainda se constituem em tema relevante, em função das contínuas transformações nos contextos familiar e social (Marin *et al.*, 2011; Wagner *et al.*, 2005), da sua relação com desfechos desenvolvimentais ao longo da trajetória de vida dos filhos (Brotman *et al.*, 2011; Cprek *et al.*, 2015; Smith *et al.*, 2005) e da crescente demanda parental por apoio e orientação, por meio de recursos como livros (Bauer *et al.*, 2012; Hahlweg *et al.*, 2008) e profissionais capacitados na área da família e do desenvolvimento infantil (Pardo e Carvalho, 2012; Sommers-Flanagan, 2007). Nesse sentido, é possível identificar o aumento no interesse por pesquisas sobre práticas parentais positivas, as quais se associam a resultados mais favoráveis do ponto de vista do desenvolvimento social, emocional e cognitivo na infância (Farber, 2009; Gulliford *et al.*, 2015; Kim *et al.*, 2008; Reed *et al.*, 2013), por promoverem as potencialidades da criança (Lopes e Dixe, 2012). Essas relações entre práticas parentais positivas e desenvolvimento saudável da criança são evidenciadas em diferentes culturas (Morrill *et al.*, 2016).

No que diz respeito às modalidades de intervenção contemporâneas para contribuir com a melhoria da qualidade das práticas parentais e, conseqüentemente, favorecer o desenvolvimento infantil, destacam-se alguns programas, a saber: *Triple P – Positive Parenting Program* (Sanders *et al.*, 2000), *Incredible Years* (Webster-Stratton *et al.*, 2008) e *Parent Management Training* (Pearl, 2009). Esses programas atualmente são aplicados em vários países, tanto com foco universal – ou seja,

¹ O termo “pais”, redigido no plural, será adotado para designar situações que envolvam mãe e pai. O termo “pai”, no singular, será utilizado para designar exclusivamente o pai.

² Ao longo do presente artigo, o termo “filhos” será adotado para designar situações que envolvam tanto crianças do sexo feminino quanto masculino.

para a população geral –, quanto para grupos com necessidades específicas (Gulliford *et al.*, 2015; Stattin *et al.*, 2015). Além desses programas amplamente difundidos em nível internacional, há também iniciativas locais, como, por exemplo, intervenções planejadas e implementadas em território nacional (Coelho e Murta, 2007; Oliveira e Alvarenga, 2015; Pardo e Carvalho, 2012).

Tais intervenções estão pautadas em evidências de que, ao melhorar a qualidade das práticas parentais, é possível promover um funcionamento infantil mais saudável. Outrossim, postula-se, ainda, que são mais efetivas do que intervenções realizadas exclusivamente junto a crianças (Stoltz e Deković, 2015). Uma grande proporção desses programas para promoção de práticas parentais positivas apresenta resultados promissores e tem sido realizada, sobretudo, em situações de desenvolvimento não normativo; isto é, junto a pais cujos filhos apresentam problemas de comportamento ou, ainda, outros diagnósticos clínicos (Gulliford *et al.*, 2015). Desse modo, visam contribuir para o manejo de situações difíceis de forma mais positiva, prevenir desdobramentos negativos ao desenvolvimento infantil, bem como favorecer o aumento da autoconfiança e a redução do estresse parental. Entretanto, tal como pontuam Foster *et al.* (2008), essas intervenções estão indisponíveis para muitas famílias, dado que não são amplamente oferecidas por profissionais ou serviços de saúde. Assim, tem-se o aumento da probabilidade de algumas crianças passarem a desenvolver problemas socioemocionais ou comportamentais, os quais poderiam ser evitados por meio de intervenções em nível populacional (Reedtz *et al.*, 2011).

Em linhas gerais, desde a década de 1970, quando houve o surgimento das *escolas de pais* na Espanha e dos *programas de formação para pais* nos Estados Unidos, identifica-se maior ênfase a intervenções destinadas fundamentalmente para casos de desenvolvimento não normativo na infância (Rodrigo e Palacios, 1998). Apenas mais recentemente se constata a tendência de modificação no foco dessas intervenções, no sentido de privilegiar também estratégias preventivas, de modo a oferecer subsídios para políticas públicas, principalmente nos setores da saúde e da educação (Gardner *et al.*, 2010).

O planejamento de intervenções para promoção de práticas parentais positivas com foco universal é relevante, notadamente nos

primeiros anos de vida (Metzler *et al.*, 2014; Reedtz *et al.*, 2011). Estudos têm indicado que, nesse período, o cérebro humano apresenta grande potencial para aprendizagem; assim, os pais teriam oportunidades para otimizar o desenvolvimento da criança (Cprek *et al.*, 2015; Farber, 2009; Lopes e Dixe, 2012) e efetivamente promover saúde (Akai *et al.*, 2008; Gulliford *et al.*, 2015). Ademais, intervenções precoces se associam à prevenção de maus-tratos e negligência na infância, o que reduz o risco de emergência de problemas de comportamento e outros desfechos negativos ao longo de toda a trajetória de vida (Cullen *et al.*, 2010; Reedtz *et al.*, 2011; Rodrigo *et al.*, 2006).

Há indicativos de que mesmo intervenções curtas, com duração de 10 a 15 horas, são capazes de provocar uma série de efeitos benéficos à criança, no que diz respeito às interações que ela estabelecerá nos ambientes intra e extrafamiliar (Reed *et al.*, 2013). Em geral, os programas para promoção de práticas parentais positivas não envolvem altos custos ao poder público, sobretudo se comparados aos gastos financeiros decorrentes das sequelas em longo prazo associadas às práticas parentais negativas, a saber: aumento substancial do risco para problemas de saúde mental, uso de substâncias, delinquência, fracasso acadêmico e vitimização da geração futura (Foster *et al.*, 2008).

Salienta-se, ainda, que o *timing* (ou o momento) das práticas parentais positivas é importante, uma vez que elas são mais efetivas quando utilizadas antes da emergência de problemas socioemocionais ou comportamentais (Akai *et al.*, 2008; Gardner *et al.*, 1999). Nessa perspectiva, os desfechos negativos podem ser prevenidos se os pais forem hábeis para antecipar e agir de maneira proativa, previamente à emancipação de problemas diagnosticáveis do ponto de vista clínico (Gardner *et al.*, 1999). Assim, há redução dos fatores de risco do desenvolvimento, bem como fortalecimento dos fatores de proteção e da resiliência individual e familiar (Reedtz *et al.*, 2011). Com base nessa perspectiva, o objetivo do presente estudo é conhecer e analisar as intervenções voltadas a promover práticas parentais positivas junto a pais de crianças, em situações de desenvolvimento normativo. Em particular, pretende-se examinar as características e os principais resultados obtidos por meio da realização dessas intervenções.

Método

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, modalidade de estudo que sumariza intervenções já realizadas sobre um determinado tópico e apresenta as conclusões obtidas, de modo a oferecer evidências científicas para a prática profissional e a favorecer o desenvolvimento de pesquisas futuras (Beyea e Nicoll, 1998). A presente revisão compreendeu as seguintes etapas: (i) levantamento das bibliografias em base de dados, através de descritores preestabelecidos; (ii) leitura dos títulos e dos resumos, com posterior seleção dos estudos diretamente relacionados ao objetivo ora proposto; (iii) recuperação e exame dos artigos selecionados, na íntegra; (iv) categorização do conteúdo das produções.

O levantamento de dados foi realizado em julho de 2015, a partir das bases PsycINFO, SciELO e PePSIC, considerando versões em língua portuguesa e inglesa de dois descritores, a saber, “intervenção e práticas parentais positivas” (“*intervention and positive parenting practices*”) e “treinamento e práticas parentais positivas” (“*training and positive parenting practices*”). Foram analisados exclusivamente artigos publicados em periódicos científicos indexados, entre os anos de 2005 e 2015, em língua portuguesa ou inglesa. A delimitação de tal data de publicação se justifica pelas constantes mudanças nos sistemas familiar e social, o que também acarreta transformações nas práticas parentais, as quais precisam se adaptar às demandas contemporâneas (Marin *et al.*, 2011; Wagner *et al.*, 2005). A opção por artigos indexados se deveu à intenção de analisar produções que passam por processo de avaliação por pares, com controle de qualidade rigoroso. Ademais, ponderou-se também a maior facilidade de acesso a esses documentos na íntegra, em comparação a outros tipos de publicação, tais como teses, dissertações, livros ou capítulos de livro. O acesso às bases de dados SciELO e PePSIC ocorreu pela Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil, ao passo que o acesso à PsycINFO se deu pelo Portal de Periódicos CAPES/MEC.

Por meio desse processo, obteve-se 246 artigos, os quais foram importados para o gerenciador de referências Zotero. Após, realizou-se a retirada de 67 trabalhos duplicados (isto é, disponibilizados em mais de uma base de dados ou obtidos tanto por meio da combinação dos descritores em língua portuguesa quanto inglesa), restando o total de 179 referências.

Dois juízes independentes procederam à leitura dos títulos e dos resumos desses artigos, com a finalidade de remover os estudos não concernentes ao objetivo proposto. Assim, os motivos de exclusão elencados pelos juízes deram origem às seguintes categorias: (i) intervenções em situações de desenvolvimento não normativo, envolvendo, por exemplo, famílias de crianças diagnosticadas com transtornos ou problemas de saúde, como déficit de atenção com hiperatividade, transtorno de conduta, obsessivo-compulsivo ou desafiador de oposição, autismo, doenças crônicas, bem como pais com transtorno mental ou dependentes químicos; (ii) intervenções junto a pais com filhos adolescentes; (iii) intervenções que não abordavam práticas parentais; (iv) relações entre variáveis referentes à parentalidade, mas que não contemplavam especificamente intervenções para promoção de práticas parentais positivas, tais quais estudos que associavam dinâmica familiar e problemas de conduta na infância, desempenho acadêmico ou uso de substâncias pelos filhos; (v) revisão de literatura, metanálise, revisão de livro e comentário a artigo.

Após esse processo, identificou-se que 12 artigos atendiam aos critérios de inclusão e estavam diretamente relacionados ao objetivo da revisão integrativa, tendo sido recuperados e examinados na íntegra. Os procedimentos das etapas de obtenção e de avaliação dos documentos são ilustrados por meio da Figura 1.

Resultados

O *corpus* de análise da presente revisão integrativa foi composto por artigos publicados em 12 periódicos científicos, em língua inglesa. Das produções examinadas, oito são norte-americanas. Destacaram-se estudos cuja abordagem dos dados foi quantitativa (n=8), seguida por métodos mistos (n=4). Dois estudos não informaram a média de idade das crianças-alvo; nos demais, ela variou entre zero e dez anos de vida. Em seis intervenções, a amostra foi composta por pais de crianças exclusivamente até o sexto ano de vida; em quatro casos, as intervenções tiveram início nos primeiros meses do bebê. Sete estudos enfatizaram a promoção de práticas parentais positivas em famílias caracterizadas por *status* socioeconômico predominantemente baixo. Ademais, em todas as intervenções, os participantes foram preponderantemente mães, mesmo naquelas endereçadas também ao pai

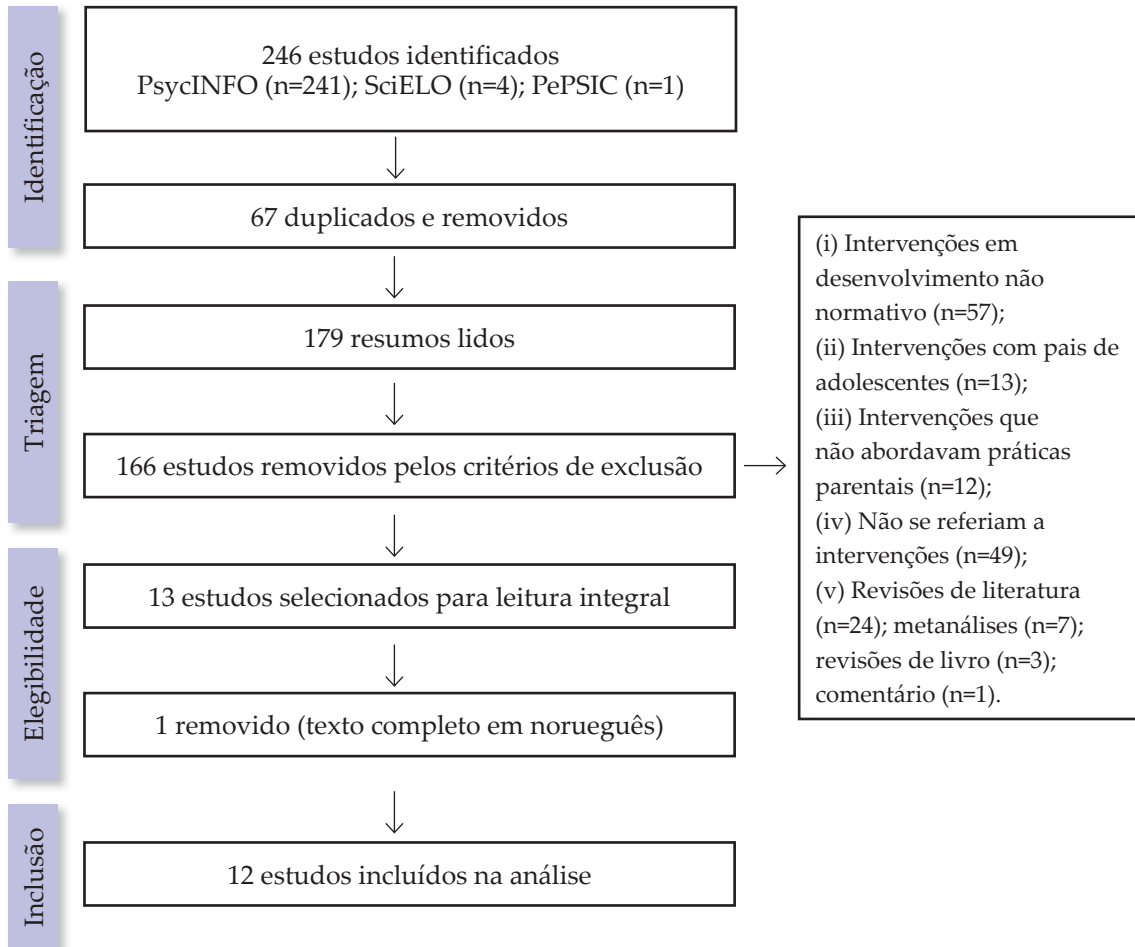


Figura 1. Percurso metodológico de seleção dos artigos.
Figure 1. Methodological approach for the selection of articles.

(Gulliford *et al.*, 2015; To *et al.*, 2014; Bauer *et al.*, 2014; Reedtz *et al.*, 2011; Cullen *et al.*, 2010; Farber, 2009; Sommers-Flanagan, 2007). A Tabela 1 apresenta autores, ano de publicação, país onde foi realizada a intervenção, objetivos e delineamento do estudo, bem como perfil dos participantes.

A partir da análise inicial dos artigos identificados, foram definidos dois eixos temáticos: *características das intervenções para promoção de práticas parentais positivas* e *resultados obtidos nas intervenções*. Apresenta-se, a seguir, cada um desses eixos.

Características das intervenções para promoção de práticas parentais positivas

Por se tratarem de intervenções com foco universal, ou seja, dirigidas para população geral, e não para amostras clínicas, identificou-se

que a captação de participantes foi realizada em diferentes contextos, tais como instituições de educação infantil, escolas de idiomas, centros de assistência social e serviços de atenção à saúde da criança. Essas intervenções foram classificadas em três grandes modalidades: grupos com pais (n=6) (Gulliford *et al.*, 2015; Kim *et al.*, 2008; Reed *et al.*, 2013; Reedtz *et al.*, 2011; Rodrigo *et al.*, 2006; To *et al.*, 2014); visitas domiciliares (n=4) (Akai *et al.*, 2008; Cullen *et al.*, 2010; Farber, 2009; Smith *et al.*, 2005); e atendimento exclusivo à família em serviço de saúde (n=2) (Bauer *et al.*, 2012; Sommers-Flanagan, 2007). A análise dos estudos permitiu identificar que cada intervenção se pautou em diferentes técnicas, as quais são apresentadas na Tabela 2.

Quanto à modalidade grupos com pais, identificou-se que dois programas bem estabelecidos em diferentes países pautaram três intervenções, a saber: o *Incredible Years* foi a

Tabela 1. Características dos artigos analisados.
Table 1. Characteristics of the analyzed articles.

Autores (ano)	País	Objetivo	Delineamento	Idade da criança (anos)	Participantes	Status socio-econômico
Gulliford <i>et al.</i> (2015)	Austrália	Determinar se a participação no programa <i>Families Coping</i> produz mudanças no enfrentamento e no bem-estar de pais e filhos, com base na perspectiva contemporânea de parentalidade positiva.	Pré/pós-teste, quanti-qualitativo	3 a 4	Mãe (n=11) e pai (n=3)	Não informado
To <i>et al.</i> (2014)	China	Demonstrar o impacto de um programa de intervenção com base na abordagem narrativa sobre o desenvolvimento da identidade parental e a melhoria da qualidade das interações pais-criança.	Pré/pós-teste e <i>follow-up</i> após seis meses, quanti-qualitativo	2 a 6	Mãe (n=11) e pai (n=9)	Maioria com ensino superior ou pós-graduação (80%) e emprego em tempo integral (85%)
Reed <i>et al.</i> (2013)	Estados Unidos	Avaliar, em uma amostra composta por mães recentemente separadas, o sequenciamento e a duração das mudanças nas práticas parentais durante o período de 30 meses, em contraste com trajetórias naturais de práticas parentais, após a realização do <i>Parent Management Training</i> .	Grupo intervenção e controle, com designação aleatória, pré/pós-teste e <i>follow-up</i> (6, 12, 18 e 30 meses após), quantitativo	6 a 10	Mãe (n=238)	Maioria recebendo assistência pública (67%), com ensino médio (76%), divórcio recente e sem coabitar com novo companheiro (100%)
Bauer <i>et al.</i> (2012)	Estados Unidos	Testar a viabilidade e a aceitabilidade de livros infantis com conteúdos atinentes a práticas parentais em famílias que frequentam clínicas pediátricas, e avaliar se os livros afetam o relato dos cuidadores sobre suas interações com as crianças após a intervenção.	Intervenção e <i>follow-up</i> após um mês, quanti-qualitativo	4 a 7	Mãe (n=90), avó (n=5), pai (n=2) e outros (n=3)	Aproximadamente metade da amostra com escolaridade até ensino médio (47%), maioria de etnia afro-americana (66%) e mãe solteira (66%)

Autores (ano)	País	Objetivo	Delineamento	Idade da criança (anos)	Participantes	Status socio-econômico
Reedtz <i>et al.</i> (2011)	Noruega	Avaliar se um treinamento parental de curto prazo baseado no <i>Incredible Years Parenting Program</i> reduz fatores de risco relacionados ao desenvolvimento socioemocional e a problemas de comportamento na infância, em uma amostra comunitária não-clínica.	Grupo intervenção e controle, com designação aleatória, pré/pós-teste e <i>follow-up</i> após um ano, quantitativo	2 a 8	Mãe e pai (n=112) Mãe (n=74) Pai (n=3)	Maioria com nível superior (78%), emprego em tempo integral (61%) e família biparental (80%)
Cullen <i>et al.</i> (2010)	Estados Unidos	Investigar os efeitos de um programa de visitas domiciliares para promover parentalidade positiva, melhorar saúde e desenvolvimento infantil, bem como prevenir maus-tratos.	Pré/pós-teste, quantitativo	0 a 5	Mãe (n=55) e outros familiares (n=9) de 55 famílias	Famílias com baixa renda, maioria dos pais adolescente (73%), sem exercer atividade laboral (56%), predomínio de mãe solteira (91%)
Farber (2009)	Estados Unidos	Apresentar um projeto de intervenção preventiva, por meio de aconselhamento parental, durante os primeiros 18 meses de vida da criança, junto a famílias latinas ou afro-americanas.	Grupo intervenção e controle não equivalentes, pré/pós-teste, quantitativo	0 a 1,5	Famílias (n=50)	Famílias com baixa renda, imigrantes (70%) ou de etnia afro-americana (30%), em que mãe (60%) e pai (86%) não completaram o ensino médio
Akai <i>et al.</i> (2008)	Estados Unidos	Avaliar a efetividade de uma intervenção delineada para melhorar a parentalidade precocemente; em particular, buscou-se favorecer a compreensão das necessidades emocionais da criança e promover a responsividade materna.	Grupo intervenção e controle com designação aleatória, pré/pós-teste, quantitativo	0 a 1	Mãe (n=48)	Famílias com baixa renda e baixa escolaridade materna, sendo que a maioria das participantes não exercia atividade laboral (73%)

Autores (ano)	País	Objetivo	Delineamento	Idade da criança (anos)	Participantes	Status socio-econômico
Kim <i>et al.</i> (2008)	Estados Unidos	Testar a eficácia do <i>Incredible Years Parenting Program</i> sobre as práticas parentais de mães coreano-americanas, as quais são tradicionalmente caracterizadas por disciplina severa e pouca expressão de afeto.	Grupo intervenção e controle com designação aleatória, pré/pós-teste e <i>follow-up</i> após um ano, quantitativo	3 a 8	Mãe (n=29)	Mulheres coreanas vivendo nos Estados Unidos, em família biparental, com nível educacional médio
Sommers-Flanagan (2007)	Estados Unidos	Avaliar a eficácia de uma intervenção breve junto a pais, realizada durante consulta em serviço de base comunitária.	Pré/pós-teste, quantitativo	Não informada	Mãe (n=26) e pai (n=7)	Maioria com nível de renda médio (78%)
Rodrigo <i>et al.</i> (2006)	Espanha	Descrever os resultados do programa <i>Apoyo Personal y Familiar</i> no aumento da competência parental, a fim de melhorar a relação pais-criança e prevenir a inserção em cuidados substitutivos.	Grupo intervenção e controle com pré/pós-teste, quantitativo	Não informada	Mãe (n=340)	Maioria sem emprego (75%), sem apoio econômico (58,2%), com nível primário de educação (74,8%)
Smith <i>et al.</i> (2005)	Estados Unidos	Avaliar a influência de recursos internos e externos das mães sobre uma intervenção parental destinada a facilitar interações mais responsivas com os filhos.	Grupo intervenção e controle com designação aleatória, pré/pós-teste e <i>follow-up</i> após três meses, quantitativo	0 a 1	Mãe (n=264)	Baixa renda (100%)

base dos estudos de Reedt *et al.* (2011) e de Kim *et al.* (2008), enquanto o *Parent Management Training* foi a base do estudo de Reed *et al.* (2013). Além disso, Gulliford *et al.* (2015) se pautaram no *Families Coping* (previamente denominado *Parents Can Do Coping*), estabelecido na Austrália, ao passo que Rodrigo *et al.* (2006) se pautaram no *Apoyo Personal y Familiar*, estabelecido na Espanha. A intervenção de To *et al.* (2014), por outro lado, não se inseriu em nenhum outro programa pré-estabelecido,

visto que foi pioneiramente aplicada pelos pesquisadores.

As intervenções relativas ao *Incredible Years* se caracterizaram por delineamento experimental, sessões semanais em grupo, com média de duas horas de duração, e as seguintes técnicas para promoção de práticas parentais positivas: vinhetas de vídeos, discussões em grupo, *role playing* e tarefas de casa. Em particular, o estudo de Kim *et al.* (2008) foi realizado junto a uma amostra comunitária

Tabela 2. Principais técnicas para promoção de práticas parentais positivas.
Table 2. Main techniques for promoting positive parenting practices.

Modalidades	Técnicas utilizadas
Grupos com pais	<ul style="list-style-type: none"> - Treinamento instrucional realizado por facilitador/coordenador - <i>Role playing</i> (dramatizações) - Vinhetas de vídeos - Discussões entre participantes - Disponibilização de literatura - Tarefas para casa - Telefonemas no período de tempo compreendido entre as sessões
Visitas domiciliares	<ul style="list-style-type: none"> - Suporte emocional ao participante - Aconselhamento - Vinhetas de vídeos - Treinamento de massagem afetiva para bebês - Estímulo à vinculação com a rede de apoio social e institucional - Oferta de livros e brinquedos para interação com a criança - Disponibilização de calendário com informações sobre o desenvolvimento - Entrega de cartões que descreviam comportamentos parentais adequados - Telefonemas no período de tempo compreendido entre as visitas
Atendimento exclusivo à família em serviço de saúde	<ul style="list-style-type: none"> - Suporte emocional ao participante - Aconselhamento - Oferta de instruções com base nas particularidades da família atendida - Leitura e disponibilização de livros infantis com conteúdos atinentes a práticas parentais positivas, para que pais e filhos, juntos, pudessem lê-los

de mães coreano-americanas durante o período de 12 semanas. Por outro lado, Reedt *et al.* (2011) aplicaram a versão de curto prazo do programa, com seis semanas de duração, no contexto da atenção primária à saúde.

Com base no *Parent Management Training*, o estudo de Reed *et al.* (2013) contou com a participação de mães recentemente separadas, considerando os fatores de risco associados aos múltiplos desafios das transições pós-divórcio. A intervenção foi composta por 14 sessões semanais, com treinamento instrucional e *role playing*. Além desses encontros, as participantes recebiam telefonemas para incentivar a aplicação das práticas parentais que estavam sendo aprendidas, relacionadas com disciplina efetiva, monitoramento, resolução de problemas e envolvimento positivo. As mesmas técnicas de treinamento instrucional e *role playing*, em adição à leitura de material didático, compuseram a proposta de Gulliford *et al.* (2015), baseada no programa *Families Coping*. Esses autores realizaram cinco sessões quinzenais, com duas horas de duração cada, para abordar práticas parentais positivas e estimular

os pais a falarem sobre *coping* com seus filhos.

Rodrigo *et al.* (2006) também consideraram *coping* familiar, habilidades de comunicação e de manejo dos comportamentos infantis. A intervenção grupal foi realizada em centros comunitários, por oito meses. As técnicas consistiram na apresentação de vinhetas sobre práticas parentais e, posteriormente, trocas verbais para promover reflexões sob a perspectiva do outro e sob a própria perspectiva. Igualmente, To *et al.* (2014) ofereceram aos pais a possibilidade de narrar suas histórias e ouvir histórias narradas por outros pais, para promover reflexões ao grupo. Essa intervenção, realizada por meio de três encontros em semanas consecutivas, com cinco horas de duração cada, convidava os participantes a retomar experiências da própria infância (por exemplo, rever fotos e visitar o local onde nasceram), analisar como essas experiências refletiam nas suas vidas contemporaneamente e criar novos significados a respeito delas, no sentido de (re)orientar práticas parentais presentes e futuras.

No que diz respeito às intervenções na modalidade de visitas domiciliares, constatou-se que todas foram dirigidas a famílias com *status* socioeconômico predominantemente baixo, junto a pais de bebês (ou seja, com início bastante precoce). Em dois estudos, especificamente, as visitas domiciliares passaram a ser realizadas no pré-natal ou logo após o parto, e continuaram ocorrendo até o segundo ano de vida – no caso da intervenção descrita por Farber (2009) –, ou até o quinto ano de vida –, no caso da intervenção descrita por Cullen *et al.* (2010).

Na intervenção de Farber (2009), as visitas domiciliares eram efetuadas em períodos que atendessem às necessidades dos pais, com telefonemas frequentes entre os encontros presenciais. As técnicas utilizadas foram suporte emocional, aconselhamento e orientações sobre a possibilidade de obtenção de recursos materiais nos dispositivos institucionais. Utilizou-se, ainda, livros, brinquedos e calendários para ampliar recursos familiares e sensibilidade na interação pais-criança. Os calendários descreviam atividades guiadas para promover o desenvolvimento infantil (incluindo imunização) e continham espaço para anotar telefone de profissionais ou serviços da comunidade. Igualmente, com o intuito de fortalecer as relações intra e extra-familiares, tem-se a intervenção de Cullen *et al.* (2010). A natureza de longa duração desse programa buscou favorecer o desenvolvimento de um forte vínculo de confiança entre visitador e cuidador, na expectativa de que esse modelo de relação contribuiria para o estabelecimento de relações mais funcionais na família. Nas visitas, realizava-se apoio emocional, com vistas a favorecer responsividade e sensibilidade nas relações de cuidado, bem como reduzir estresse parental.

A intervenção descrita por Akai *et al.* (2008) também buscou promover sensibilidade na relação mãe-bebê, por meio de visitas domiciliares por período de 12 a 14 semanas. Os participantes realizaram treinamentos de responsividade, de conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil e de toque afetivo (isto é, uma adaptação da massagem infantil). Nesse processo, utilizaram-se também vídeos com interações pais-bebê e literatura parental. Em duas visitas, especificamente, solicitou-se que a mãe convidasse um cuidador alternativo a participar. O mesmo ocorreu no estudo de Smith *et al.* (2005), de modo que, nessas sessões, a mãe ensinava ao cuidador alternativo

os comportamentos previamente aprendidos. Assim, o visitador avaliava os conhecimentos e as habilidades da participante. Na intervenção de Smith *et al.* (2005), que se baseou em visitas domiciliares no período de dez semanas, destacaram-se, ainda, as seguintes técnicas: discussão de vídeos com interações mães-bebê; e uso de cartões com definição de comportamentos atinentes a práticas parentais positivas e sua importância, com a sugestão de que fossem apresentados na interação com a criança.

No que se refere à modalidade de atendimento exclusivo à família em serviço de saúde, nos dois casos, o contato presencial com os pais ocorreu em encontro único. A intervenção realizada por Sommers-Flanagan (2007), especificamente, incluiu as seguintes fases: explicar aos pais as características e os objetivos da consulta; escutar suas preocupações e oferecer apoio; identificar o problema e explorar como ele era experienciado pelos pais; modelar atitudes parentais eficazes, tais como empatia; oferecer aconselhamento sobre manejo e comunicação familiar; e elaborar um plano de ação e fechar a sessão. Ao final, entregava-se cópia das recomendações profissionais.

Por outro lado, a intervenção de Bauer *et al.* (2012) foi realizada por meio da leitura de livros infantis, em sala de espera de clínicas pediátricas, onde a criança e o seu cuidador aguardavam pela consulta de rotina. Esses livros consistiam em um conjunto de três títulos que apresentavam desafios comportamentais comuns, de forma narrativa e ilustrada, com técnicas bem-sucedidas de negociação entre pais e filhos. Os tópicos incluíam rotina ao acordar, brincar e dormir. Inicialmente, o pesquisador lia o livro em voz alta, para modelar sua utilização com a criança, assim como fornecer ao cuidador com menor literacia a chance de ouvir a história. Após, perguntava ao cuidador se ele teria a intenção de modificar a forma de interação com seu filho, com base no conteúdo abordado, e oferecia o livro para que pudesse ser (re) lido em casa.

Resultados obtidos nas intervenções

De maneira geral, as intervenções apresentaram resultados satisfatórios nas propostas de promoção de práticas parentais positivas. Entretanto, tal como expresso na Tabela 1, os estudos examinados se caracterizaram por

diferentes objetivos, perfis de participantes, modalidades e técnicas utilizadas e instrumentos aplicados, bem como formas de tratamento dos dados, o que dificulta uma análise comparativa dos seus resultados. Onze estudos utilizaram pré e pós-teste; apenas em um caso (Bauer *et al.*, 2012) realizou-se exclusivamente intervenção e *follow-up*. Ademais, quatro estudos adotaram medidas de pré e pós-teste, associadas a *follow-up*, com designação aleatória dos participantes em grupo controle ou intervenção (Kim *et al.*, 2008; Reed *et al.*, 2013; Reedtz *et al.*, 2011; Smith *et al.*, 2005).

No que tange às intervenções grupais, os resultados obtidos por Reed *et al.* (2013), por exemplo, sugerem que os efeitos se sustentaram em longo prazo, de forma a alterar a trajetória natural de prejuízos das práticas parentais no pós-divórcio. Com início no sexto mês e continuação até o trigésimo mês após a conclusão, identificou-se que a participação no programa limitou os impactos negativos na disciplina e na monitoria positiva, bem como gerou melhorias cumulativas nas habilidades de resolução de conflitos e na expressão de afeto nas relações mãe-criança (Reed *et al.*, 2013). Similarmente, o grupo de mães que participou da intervenção de Kim *et al.* (2008) utilizou significativamente mais disciplina positiva, tanto imediatamente após o programa quanto um ano depois da intervenção. O mesmo ocorreu no estudo de Reedtz *et al.* (2011), com a versão de curto prazo do *Incredible Years*, em que o efeito de fortalecimento das práticas parentais positivas, identificado no pós-teste, manteve-se em um ano.

Devido à natureza exploratória e à dificuldade de conduzir um estudo randomizado em um programa pioneiro, To *et al.* (2014) examinaram os efeitos de sua intervenção em grupo com pré e pós-teste, além de *follow-up*. Evidenciaram-se impactos significativos na melhoria da satisfação parental, da eficácia parental e das relações pais-criança. Esses resultados foram obtidos no pós-teste e no *follow-up*, o que sugere que os efeitos se mantiveram por pelo menos seis meses. Ademais, constatou-se que a intervenção auxiliou os participantes a fortalecer a identidade parental e a conectividade na relação pais-criança, bem como a identificar a influência das suas histórias de vida nas práticas parentais adotadas e no desenvolvimento infantil, o que parece ter sido fomentado pelas reflexões em grupo (To *et al.*, 2014).

Na proposta de Gulliford *et al.* (2015), os pais relataram melhoria na qualidade da co-

municação, nas habilidades de resolução de problemas e nas relações pais-criança após a participação nos grupos. Também o estudo de Rodrigo *et al.* (2006) sugere os efeitos favoráveis da intervenção grupal, uma vez que as mães participantes referiram maior senso de competência e confiança em seus recursos para lidar com situações desafiadoras, bem como uso de explicações para disciplinar a criança, o que favorece a compreensão das normas e a autonomia infantil.

Tanto Rodrigo *et al.* (2006) quanto Akai *et al.* (2008) e Farber (2009) obtiveram medidas no pré e no pós-teste, junto a grupos de intervenção e controle. Akai *et al.* (2008), especificamente, evidenciaram como efeito das visitas domiciliares um significativo declínio das tendências controladoras das mães na relação com os filhos, à medida que as participantes demonstraram comportamentos menos intrusivos e rígidos, além de maior utilização de estratégias de controle flexível. Na mesma modalidade de intervenção, Farber (2009) constatou mudanças significativas no que se refere à responsividade e à sensibilidade às necessidades desenvolvimentais da criança, além de aumento dos recursos e da resiliência familiar. As mães que participaram da intervenção por meio de visitas realizada por Smith *et al.* (2005) também tiveram ganhos no seu contingente de comportamentos responsivos, os quais se mantiveram no *follow up* após três meses, independentemente do nível de raiva ou hostilidade reportado por elas, enquanto as mães do grupo controle mostraram declínio desses comportamentos tendo, inclusive, seus níveis de raiva e hostilidade aumentados. Da mesma forma, os participantes que completaram o programa de longo prazo de visitas domiciliares descrito por Cullen *et al.* (2010) demonstraram mudanças positivas nas suas práticas parentais.

Também os resultados obtidos no pós-teste do estudo de Sommers-Flanagan (2007), em que a intervenção ocorreu por meio de uma única consulta com profissional de saúde mental, sugeriram efeitos significativos no aumento do senso de competência e na redução do estresse parental. Tal como Sommers-Flanagan (2007), a intervenção descrita por Bauer *et al.* (2012) se deu por meio de um único contato presencial entre o pesquisador e os participantes. Identificou-se boa aceitação da proposta de leitura de livros infantis em consultórios de pediatria. Após um mês (*follow-up*), a maioria dos participantes rela-

tou modificações positivas nas suas interações cotidianas com a criança, sobretudo no que diz respeito às habilidades comunicacionais e ao uso de estratégias mais construtivas no processo de resolução de conflitos (Bauer *et al.*, 2012).

Vale indicar que nem todos os resultados obtidos nas intervenções foram positivos. Nesse sentido, Akai *et al.* (2008) constataram baixo impacto na expressão emocional das mães em termos de afeto positivo e calor materno. No atinente a esses aspectos, os autores hipotizaram que alterar a expressão emocional exigiria práticas mais voltadas à modulação do afeto, o que não era o foco da intervenção (Akai *et al.*, 2008). Da mesma forma, no estudo de Reedtz *et al.* (2011), o aumento no senso de eficácia parental esteve presente ao final da intervenção, mas não permaneceu no *follow-up*. Isso pode ser resultado do fato de que apenas um pequeno número de crianças obteve pontuações próximas à linha de corte para amostra clínica do instrumento que avaliava problemas de comportamento em crianças, as quais teriam maior potencial de evolução ao longo da experiência. Assim, por estar a maior parte das crianças dentro da média, não se esperava maiores alterações no senso de eficácia parental e no comportamento das crianças como resultado do treinamento dos pais. As mudanças duradouras na parentalidade podem, assim, ser explicadas pela experiência de ser mãe/pai (por exemplo, satisfação e eficácia parental), mais do que por mudanças no comportamento da criança.

Na intervenção de Gulliford *et al.* (2015), ainda que os pais tenham relatado perceber maior uso de estratégias de *coping* produtivas pelas crianças e aumento no bem-estar no que se refere à relação entre pais e filhos, tais aspectos não mostraram diferenças estatisticamente significativas. O momento de realização da avaliação pode ter resultado em um lapso de tempo insuficiente para a evolução nas habilidades de *coping* dos pais, a fim de que essas fossem capazes de promover mudanças nas estratégias de *coping* e no bem-estar infantil.

Discussão

Dos estudos cuja média de idade das crianças-alvo foi informada, identificou-se que, em seis casos, participaram pais com filhos até o sexto ano de vida, sendo que, em quatro dessas situações, a intervenção ocorreu já nos primeiros meses do bebê. Essas propostas consideram importante atender às famílias

durante os anos iniciais da infância, por se tratar de período crucial para o desenvolvimento humano, em que é possível promover saúde e prevenir a emergência de sintomas desadaptativos, o que se associa a benefícios em longo prazo (Akai *et al.*, 2008; Cullen *et al.*, 2010; Farber, 2009; Gulliford *et al.*, 2015). Conforme Gardner *et al.* (1999), o *timing* das práticas parentais é fundamental e, portanto, deve ser levado em consideração na atuação profissional e na formulação de políticas públicas. Isso porque as práticas parentais positivas são particularmente efetivas quando adotadas precocemente no desenvolvimento infantil; se aplicadas em reação a problemas já estabelecidos, sua efetividade é diminuída (Akai *et al.*, 2008; Gardner *et al.*, 1999). Assim, destaca-se a relevância de intervenções com foco universal, dirigidas à população geral, e não somente a amostras clínicas (Metzler *et al.*, 2014; Reedtz *et al.*, 2011), tal como as propostas que compuseram o *corpus* de análise do presente estudo.

Ainda com relação às características da população, verificou-se que, em todas as intervenções, os participantes foram preponderante ou exclusivamente as mães. Esse resultado é semelhante ao obtido por Knerr *et al.* (2013), em revisão sistemática que investigou a efetividade de intervenções para melhorar competências parentais e reduzir abusos: das 12 produções examinadas por esses autores, em 10, participaram somente mulheres. Essa tendência é observada, ainda, em estudos empíricos que avaliam aspectos do desenvolvimento infantil, como traços de temperamento, uma vez que comumente os instrumentos de medida são aplicados unicamente à mãe, em detrimento ao pai (Schmidt *et al.*, 2011). Tal fato sugere que, embora haja uma demanda contemporânea de maior envolvimento paterno em diferentes aspectos da vida dos filhos, principalmente em países ocidentais, a figura materna continua a exercer esse papel de forma mais efetiva (Marin *et al.*, 2011; Staudt e Wagner, 2011). Assim, evidencia-se a necessidade de estratégias que favoreçam a participação dos homens nas intervenções parentais (Akai *et al.*, 2008), dada a importância do pai no desenvolvimento infantil, bem como as evidências de melhores resultados nas práticas parentais positivas em propostas implementadas a mãe e pai conjuntamente (Morrill *et al.*, 2016).

Outrossim, a maioria das famílias que compôs a amostra dos estudos analisados se caracterizou por *status* socioeconômico predo-

minantemente baixo. Sobre essa constatação, é importante considerar que as iniquidades sociais e econômicas se constituem em fator de risco ao desenvolvimento, associando-se a desfechos desadaptativos (Farber, 2009; Mills *et al.*, 2012). Isso não significa, entretanto, que famílias em desvantagem socioeconômica apresentem menor competência no que tange a práticas parentais positivas; o que parece ocorrer é que o contexto de vulnerabilidade tende a fragilizá-las. Por outro lado, costuma haver maior facilidade de acesso, pelos pesquisadores, a famílias referenciadas em dispositivos comunitários. Assim, entende-se que tal fator também pode se relacionar com a identificação, em maior quantidade, de intervenções junto a populações de baixa renda. Não obstante, conforme Rodrigo *et al.* (2006), a ênfase a famílias em situação de vulnerabilidade é importante, como uma forma de combater a exclusão social, aumentar a competência parental e, assim, promover desfechos mais adaptativos em longo prazo.

Em relação ao contexto nacional, não foram levantados estudos com o caráter e as especificações propostas nesta revisão. No entanto, notadamente no que diz respeito aos desafios enfrentados pela população brasileira em condição de desvantagem socioeconômica, as experiências relatadas nos estudos analisados são valiosas. Isso porque intervenções que venham a ser desenvolvidas nacionalmente podem se beneficiar do que já foi realizado em outros países, evidentemente, com adaptações às demandas e às culturas loco-regionais. A necessidade de adequar a proposta às especificidades da população alvo da intervenção é enfatizada, por exemplo, no estudo de Kim *et al.* (2008), que testou os efeitos da participação de mães coreano-americanas no *Incredible Years Parenting Program*. Programas amplamente difundidos em nível internacional – como o *Incredible Years*, adotado por Kim *et al.* (2008) e por Reedt *et al.* (2011), e o *Parent Management Training*, base do estudo de Reed *et al.* (2013) – são interessantes, na medida em que há estudos sobre a sua efetividade junto a populações com características diversificadas, em diferentes países, o que permite maior controle e avaliação de efeitos e de aspectos a serem melhorados em futuras aplicações (Stattin *et al.*, 2015). Por outro lado, a existência de evidências na aplicação em outras culturas não prescinde a necessidade de adaptação loco-regional.

A respeito das estratégias utilizadas, houve predomínio de grupos com pais e visitas domiciliares, tal como também ocorreu na revisão de literatura sobre intervenções para melhorar competências parentais e reduzir abusos, realizada por Knerr *et al.* (2013). As intervenções grupais, notadamente, podem oferecer suporte, promover crescimento e mudança. O contexto de grupo favorece conversações, propiciando que aspectos atinentes ao passado, ao presente e ao futuro sejam reorganizados e ressignificados, mediante reflexões realizadas pelos membros (To *et al.*, 2014). Assim, é importante promover a expressão de ideias e de percepções, bem como a troca de informações entre participantes, o que propicia a aprendizagem no grupo (Rodrigo *et al.*, 2006). Essas trocas podem fazer com que os pais se sintam mais competentes e confiantes em seus próprios recursos ou práticas parentais, beneficiando-se, ainda, dos conteúdos compartilhados pelos demais membros (Brotman *et al.*, 2011). Os resultados das intervenções em grupo são influenciados também pela postura do coordenador/facilitador, o qual deve evitar o papel de *expert* (Kim *et al.*, 2008; Rodrigo *et al.*, 2006; To *et al.*, 2014).

No que se refere às visitas domiciliares, constata-se que vêm ganhando popularidade, ao favorecer o engajamento às propostas de atendimento por famílias com dificuldades de acesso a determinados serviços (LeCroy e Krysik, 2011). Assim, é importante destacar que, na presente revisão integrativa, todos os estudos que adotaram tal modalidade de intervenção foram dirigidos a famílias com *status* socioeconômico predominantemente baixo, com início bastante precoce. As visitas domiciliares tendem a apresentar uma vantagem em relação aos grupos com pais: como o profissional vai até a residência da família, é possível ter contato com a criança, o que favorece a identificação precoce de possíveis atrasos desenvolvimentais e o encaminhamento a serviços especializados, quando houver necessidade (Farber, 2009). Ademais, o apoio social percebido com as visitas domiciliares tende a aumentar a sensação de bem-estar parental, o que se associa a práticas parentais mais positivas (Akai *et al.*, 2008; Asscher *et al.*, 2008; Cullen *et al.*, 2010). Esse procedimento também propicia o conhecimento do contexto de inserção familiar e, por conseguinte, de elementos da rede de apoio social (Akai *et al.*, 2008; Smith *et al.*, 2005) e institucional (Cullen

et al., 2010; Farber, 2009), de modo a favorecer a proposição de encaminhamentos adequados às demandas apresentadas (Antunes *et al.*, 2012), o que se relaciona à maior validade externa e possibilidade de aplicação à prática (Asscher *et al.*, 2008).

No entanto, as visitas domiciliares são mais onerosas do ponto de vista financeiro. Além disso, consistem em uma modalidade de intervenção que pode demandar acompanhamento em longo prazo às famílias. Nos estudos ora discutidos, o período de realização das visitas domiciliares variou de dez semanas a cinco anos. Assim, nas situações em que os pais são relutantes ao acompanhamento em longo prazo, ou mesmo quando há resistência à participação em grupos, intervenções mais breves e privativas podem ser uma opção (Sommers-Flanagan, 2007). Adicionalmente, o atendimento exclusivo à família em serviço de saúde, com a distribuição de livros sobre práticas parentais positivas, caracteriza-se por custo mais baixo em comparação a outras modalidades de intervenção (Bauer *et al.*, 2012). Por outro lado, Sommers-Flanagan (2007) e Bauer *et al.* (2012) coletaram os dados referentes aos resultados das intervenções aproximadamente um mês após o único contato presencial com as famílias, o que dificulta a análise da efetividade das propostas ao longo do tempo. Nesse sentido, é importante destacar que diferentes estudos sugerem que simplesmente transmitir informações aos pais não parece ser o suficiente para modificar as práticas parentais (Akai *et al.*, 2008; Rodrigo *et al.*, 2006; To *et al.*, 2014), sobretudo quando se almeja que as mudanças se sustentem em longo prazo (Morrill *et al.*, 2016).

Ainda com relação aos resultados obtidos nas intervenções, é importante salientar que em apenas quatro casos foram adotadas medidas de pré e pós-teste, com *follow-up* e designação aleatória dos participantes em grupo controle ou intervenção, o que se associa a evidências mais robustas sobre os resultados obtidos e a sua manutenção ao longo do tempo (Stattin *et al.*, 2015). No mesmo sentido, constatou-se que somente quatro estudos se valeram da abordagem metodológica mista. Conforme Gulliford *et al.* (2015), na avaliação dos resultados das intervenções para promoção de práticas parentais positivas, pouco se tem utilizado métodos mistos, uma vez que a maior parte dos estudos se vale exclusivamente de medidas quantitativas. A avaliação

qualitativa pode oferecer maiores subsídios à compreensão dos aspectos subjetivos das relações pais-criança, o que contribui para a identificação de transformações mais sutis decorrentes da intervenção realizada, bem como de aspectos da história de vida dos participantes que dificultam ou favorecem as práticas parentais positivas (To *et al.*, 2014).

Considerações finais

Este estudo analisou intervenções voltadas a promover práticas parentais positivas junto a pais de crianças, em situações de desenvolvimento normativo. Em particular, examinou as características e os principais resultados obtidos nessas intervenções, as quais visaram auxiliar os pais a atender de forma consistente aos desafios com que se confrontam no exercício da parentalidade, de modo a contribuir para o desenvolvimento das crianças.

Foi possível constatar uma variedade de propostas, culminando em diferentes formas de promover parentalidade positiva. Efeitos favoráveis foram descritos na maior parte dos objetivos propostos nos estudos examinados, o que sugere a importância e a efetividade dessas intervenções. Tais achados se mostram promissores à continuidade e ao aperfeiçoamento das propostas, assim como encorajadores ao desenvolvimento de novas estratégias para diferentes populações.

No que diz respeito às limitações, salienta-se a restrição referente aos descritores preestabelecidos e às bases de dados pesquisadas. É provável que, por meio da adoção de outros descritores e da procura por artigos em bases de dados adicionais, novos estudos sejam obtidos, inclusive considerando intervenções desenvolvidas nacionalmente. Adicionalmente, consistiu em uma limitação a exclusão de produções como teses, dissertações, livros e capítulos de livro, as quais também podem contemplar informações sobre a temática.

Ressalta-se a importância de pesquisas adicionais sobre intervenções para promoção de práticas parentais positivas, fornecendo evidências para a atuação profissional do psicólogo e para a formulação de programas e de políticas públicas destinadas ao contexto brasileiro. Em particular, sugere-se que se leve em consideração a diversidade das configurações familiares, tais como famílias homoparentais, adotivas, ou, ainda,

aquelas em que a criança é cuidada por avós, visto que essa realidade se torna cada vez mais presente.

Referências

- AKAI, C.E.; GUTTENTAG, C.L.; BAGGETT, K.M.; NORIA, C.C.W. 2008. Enhancing parenting practices of at-risk mothers. *The Journal of Primary Prevention*, **29**(3):223-242.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10935-008-0134-z>
- ANTUNES, B.; COIMBRA, V.C.C.; SOUZA, S.A.; ARGILES, C.T.L.; SANTOS, E.O.; NADAL, M.C. 2012. Visita domiciliar no cuidado a usuários em um centro de atenção psicossocial: Relato de experiência. *Ciência, Cuidado e Saúde*, **11**(3):600-604.
<http://dx.doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v11i3.15416>
- ASSCHER, J.J.; HERMANN, J.M.A.; DEKOVIC, M. 2008. Effectiveness of the Home-Start parenting support program: Behavioral outcomes for parents and children. *Infant Mental Health Journal*, **29**(2):95-113.
<http://dx.doi.org/10.1002/imhj.20171>
- BAUER, N.S.; HUS, A.M.; SULLIVAN, P.D.; SZCZEPANIAK, D.; CARROLL, A.E.; DOWNS, S.M. 2012. A pilot study using children's books to understand caregiver perceptions of parenting practices. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, **33**(5):423-430.
<http://dx.doi.org/10.1097/DBP.0b013e3182560d87>
- BEYEA, S.C.; NICOLL, L.H. 1998. Writing an integrative review. *AORN Journal*, **67**(4):877-880.
[http://dx.doi.org/10.1016/S0001-2092\(06\)62653-7](http://dx.doi.org/10.1016/S0001-2092(06)62653-7)
- BROTMAN, L.M.; CALZADA, E.; HUANG, K.; KINGSTON, S.; DAWSON-MCCLURE, S.; KAMBOUKOS, D.; PETKOVA, E. 2011. Promoting effective parenting practices and preventing child behavior problems in school among ethnically diverse families from underserved, urban communities. *Child Development*, **82**(1):258-276.
<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01554.x>
- COELHO, M.V.; MURTA, S.G. 2007. Treinamento de pais em grupo: Um relato de experiência. *Estudos de Psicologia*, **24**(3):333-341.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300005>
- CPREK, S.E.; WILLIAMS, C.M.; ASAOLU, I.; ALEXANDER, L.A.; VANDERPOOL, R.C. 2015. Three positive parenting practices and their correlation with risk of childhood developmental, social, or behavioral delays: An analysis of the national survey of children's health. *Matern Child Health*, **19**(11):2403-2411.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10995-015-1759-1>
- CULLEN, J.P.; OWNBEY, J.B.; OWNBEY, M.A. 2010. The effects of the Healthy Families America home visitation program on parenting attitudes and practices and child social and emotional competence. *Child & Adolescent Social Work Journal*, **27**(5):335-354.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10560-010-0206-9>
- FARBER, M.L.Z. 2009. Parent mentoring and child anticipatory guidance with Latino and African American families. *Health & Social Work*, **34**(3):179-189.
<http://dx.doi.org/10.1093/hsw/34.3.179>
- FOSTER, E.M.; PRINZ, R.J.; SANDERS, M.R.; SHAPIRO, C.J. 2008. The costs of a public health infrastructure for delivering parenting and family support. *Children and Youth Services Review*, **30**(5):493-501.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2007.11.002>
- GARDNER, F.; HUTCHINGS, J.; BYWATER, T.; WHITAKER, C. 2010. Who benefits and how does it work? Moderators and mediators of outcome in an effectiveness trial of a parenting intervention. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, **39**(4):568-580.
<http://dx.doi.org/10.1080/15374416.2010.486315>
- GARDNER, F.E.M.; SONUGA-BARKE, E.J.S.; SAYAL, K. 1999. Parents anticipating misbehavior: An observational study of strategies parents use to prevent conflict with behavior problem children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, **40**(8):1185-1196.
<http://dx.doi.org/10.1111/1469-7610.00535>
- GULLIFORD, H.; DEANS, J.; FRYDENBERG, E.; LIANG, R. 2015. Teaching coping skills in the context of positive parenting within a preschool setting. *Australian Psychologist*, **50**(3):219-231.
<http://dx.doi.org/10.1111/ap.12121>
- HAHLWEG, K.; HEINRICH, N.; KUSCHEL, A.; FELDMANN, M. 2008. Therapist-assisted, self-administered bibliotherapy to enhance parental competence: Short- and long-term effects. *Behavior Modification*, **32**(5):659-681.
<http://dx.doi.org/10.1177/0145445508317131>
- HOLTROP, K.; SMITH, S.M.; SCOTT, J.C. 2015. Associations between positive parenting practices and child externalizing behavior in underserved latino immigrant families. *Family Process*, **54**(2):359-375.
<http://dx.doi.org/10.1111/famp.12105>
- KIM, E.; CAIN, K.C.; WEBSTER-STRATTON, C. 2008. The preliminary effect of a parenting program for Korean American mothers: A randomized controlled experimental study. *International Journal of Nursing Studies*, **45**(9):1261-1273.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2007.10.002>
- KNERR, W.; GARDNER, F.; CLUVER, L. 2013. Improving positive parenting skills and reducing harsh and abusive parenting in low- and middle-income countries: A systematic review. *Prevention Science*, **14**(4):352-363.
<http://dx.doi.org/10.1007/s11121-012-0314-1>
- LECROY, C.W.; KRYSIK, J. 2011. Randomized trial of the healthy families Arizona home visiting program. *Children and Youth Services Review*, **33**(10):1761-1766.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2011.04.036>
- LOPES, M.D.S.D.O.; DIXE, M.D.A.C.R. 2012. Positive parenting by parents of children up to three years of age: Development and validation of measurement scales. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, **20**(4):787-795.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692012000400020>

- MARIN, A.H.; MARTINS, G.D.F.; FREITAS, A.P.C.O.; SILVA, I.M.; LOPES, R.C.; PICCININI, C.A. 2013. Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2):123-132.
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722013000200001>
- MARIN, A.H.; PICCININI, C.A.; TUDGE, J.R.H. 2011. Práticas educativas maternas e paternas aos 24 e aos 72 meses de vida da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4):419-427.
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722011000400005>
- METZLER, C.W.; SANDERS, M.R.; RUSBY, J.C. 2014. Multiple levels and modalities of measurement in a population-based approach to improving parenting. In: S.M. MCHALE; P. AMATO; A. BOOTH (eds.), *Emerging methods in family research*. New York, Springer International Publishing, p. 197-214.
http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-01562-0_12
- MILLS, R.S.L.; HASTINGS, P.D.; HELM, J.; SERBIN, L.A.; ETEZADI, J.; STACK, D.M.; SCHWARTZMAN, A.E.; LI, H.H. 2012. Temperamental, parental, and contextual contributors to early emerging internalizing problems: A new integrative analysis approach. *Social Development*, 21(2):229-253.
<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9507.2011.00629.x>
- MORRILL, M.I.; HAWRILENKO, M.; CORDOVA, J.V. 2016. A longitudinal examination of positive parenting following an acceptance-based couple intervention. *Journal of Family Psychology*, 30(1):104-113.
<http://dx.doi.org/10.1037/fam0000162>
- OLIVEIRA, J.; ALVARENGA, P. 2015. Efeitos de uma intervenção com foco nas práticas de socialização parentais sobre os problemas internalizantes na infância. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 17(2):16-32.
- PARDO, M.B.L.; CARVALHO, M.M.S.B. 2012. Grupos de orientação de pais: Estratégias para intervenção. *Contextos Clínicos*, 5(2):80-87.
<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2012.52.02>
- PEARL, E.S. 2009. Parent management training for reducing oppositional and aggressive behavior in preschoolers. *Aggression and Violent Behavior*, 14(5):295-305.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2009.03.007>
- REED, A.; SNYDER, J.; STAATS, S.; FORGATCH, M.S.; DEGARMO, D.S.; PATTERSON, G.R.; LOW, S.; SINCLAIR, R.; SCHMIDT, N. 2013. Duration and mutual entrainment of changes in parenting practices engendered by behavioral parent training targeting recently separated mothers. *Journal of Family Psychology*, 27(3):343-354.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0032887>
- REEDTZ, C; HANDEGÅRD, B.H; MØRCH, W. 2011. Promoting positive parenting practices in primary care: Outcomes and mechanisms of change in a randomized controlled risk reduction trial. *Scandinavian Journal of Psychology*, 52(2):131-137.
<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9450.2010.00854.x>
- RODRIGO, M.J.; CORREA, A.D.; MÁIQUEZ, M.L.; MARTIN, J.C.; RODRÍGUEZ, G. 2006. Family preservation services on the Canary Islands. *European Psychologist*, 11(1):57-70.
<http://dx.doi.org/10.1027/1016-9040.11.1.57>
- RODRIGO, M.J.; PALACIOS, J. 1998. *Familia y desarrollo humano*. Madrid, Alianza Editorial, 575 p.
- ROMERO, M.P. 2015. *Coparentalidade: Desafios para o casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 113 p.
- SANDERS, M.; MARKIE-DADDS, C.; TULLY, L.; BOR, W. 2000. The Triple P – Positive Parenting Program: A comparison of enhanced, standard, and self-directed behavioral family intervention for parents of children with early onset conduct problems. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(4):624-640.
<http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.68.4.624>
- SCHMIDT, B.; CREPALDI, M.A.; VIEIRA, M.L.; MORE, C.L.O.O. 2011. Relacionamento conjugal e temperamento de crianças: Uma revisão da literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(3):89-106.
- SMITH, K.E.; LANDRY, S.H.; SWANK, P.R. 2005. The influence of decreased parental resources on the efficacy of a responsive parenting intervention. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(4):711-720.
<http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.73.4.711>
- SOMMERS-FLANAGAN, J. 2007. Single-session consultations for parents: A preliminary investigation. *The Family Journal*, 15(1):24-29.
<http://dx.doi.org/10.1177/1066480706294045>
- STATTIN, H.; ENEBRINK, P.; ÖZDEMIR, M.; GIANNOTTA, F. 2015. A national evaluation of parenting programs in Sweden: The short-term effects using an RCT effectiveness design. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 83(6):1069-1084.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0039328>
- STAUDT, A.C.P.; WAGNER, A. 2011. A vivência da paternidade em tempos de diversidade: Uma visão transcultural. In: A. WAGNER (ed.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões*. Porto Alegre, Artmed, p. 90-111.
- STOLTZ, S.; DEKOVIC, M. 2015. Moderators and mediators of parenting effectiveness. In: J.J. PONZETTI JR. (ed.), *Evidence-based parenting education: A global perspective*. New York, Routledge, p. 50-63.
- TO, S.; SO, Y.; CHAN, T. 2014. An exploratory study on the effectiveness and experience of a parent enhancement group adopting a narrative approach. *Journal of Social Work*, 14(1):41-61.
<http://dx.doi.org/10.1177/1468017313475554>
- WAGNER, A.; PREDEBON, J.; FALCKE, D. 2005. Transgeracionalidade e educação: Como se per-

petua a família? In: A. WAGNER (ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 93-105.

WEBSTER-STRATTON, C.; REID, J.M.; STOOL-MILLER, M. 2008. Preventing conduct problems and improving school readiness: Evaluation of the incredible years teacher and child training

programs in high-risk schools. *Journal of child psychology and psychiatry*, 49(5):471-488.
<http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01861.x>

Submetido: 15/12/2015

Aceito: 05/02/2016